

ESTUDO DO PLANEJAMENTO DO DESENVOLVIMENTO ENDÓGENO E A SUA VIABILIDADE NA PRAIA DE PIPA EM TIBAU DO SUL/RN

STUDY OF ENDOGENOUS DEVELOPMENT PLANNING AND ITS VIABILITY AT PRAIA DE PIPA IN TIBAU DO SUL / RN

José Orlando Costa Nunes

Docente do Depto. de Administração - UERN

Mestre em Administração - UFPE

Email: joseorlando@uern.br

Profa. Ma. Vera Lúcia Lopes de Oliveira

Docente do Depto. de Administração - UERN

Doutoranda em Desenvolvimento Urbano – UFPE

E-mail: veralucia@uern.br

Edinal Salustiano da Silva

Pós-graduando em Cognição, Tecnologias e Instituições pela UFERSA-RN

Graduado em Administração pela UFERSA-RN

Graduado em Turismo pela UERN–RN

Email: edinal@hotmail.com

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN),

Departamento de Administração (DAD)

Revista Agreste: Administração & Turismo

RESUMO

O presente trabalho intitulado “*Estudo do Planejamento do Desenvolvimento Endógeno e sua Viabilidade na Praia de Pipa em Tibau do Sul/RN*” tem como objetivo identificar e analisar os processos que norteiam as relações econômicas e sociais no seu espaço geográfico com foco num possível modelo de desenvolvimento endógeno para a área de turismo local-regional na praia de Pipa em Tibau do Sul-RN. Neste sentido, Amaral Filho (1995) coloca que: “o desenvolvimento endógeno pode ser entendido como um processo interno de ampliação contínua da capacidade de agregação de valor sobre a produção, bem como da capacidade de absorção da região”. A metodologia trabalhada nesta pesquisa é de campo, bibliográfica e documental. Em relação ao problema de pesquisa, este estudo conceitua-se como quantitativo, recorrendo-se a fontes bibliográficas, cartográficas e análise de levantamento de dados secundários por meio de entrevistas com os gestores de empresas da localidade. Os resultados evidenciaram que o turismo é um importante vetor de crescimento tanto econômico quanto social na região. Ele vem a somar como alternativa nas estratégias de organização social trabalhadas na localidade, combatendo problemas como o desemprego entre outros. Outro resultado relevante, refere-se ao fato de que no espaço geográfico de Pipa, existe condições para trabalhar também o turismo endógeno, no entanto os órgãos responsáveis devem decidir por ele e reorganizá-lo.

PALAVRAS-CHAVES: Desenvolvimento Endógeno. Planejamento. Desenvolvimento Sustentável.

ABSTRACT

The present work, titled "*A Study of Endogenous Development Planning and its Viability in Pipa Beach, Tibau do Sul/RN*" aims to identify and analyse the processes that guide economic and social relationships in its geographical space, with a focus on a potential model of endogenous development for the local-regional tourism area in Pipa Beach, Tibau do Sul-RN. In this regard, Amaral Filho (1995) states that: "endogenous development can be understood as an internal process of continuous expansion of the capacity to add value to production, as well as the region's capacity to absorb it." The methodology employed in this research is fieldwork, bibliographical, and documentary. Concerning the research problem, this study is conceptualized as quantitative, relying on bibliographical and cartographic sources, as well as the analysis of secondary data collection through interviews with local business managers. The results have shown that tourism is an important driver of both economic and social growth in the region. It contributes as an alternative in the social organization strategies implemented locally, addressing issues such as unemployment, among others. Another significant result is that there are conditions in the geographical space of Pipa to also work on endogenous tourism; however, the responsible authorities must decide on it and reorganize it.

KEY-WORDS: Endogenous Development. Planning. Sustainable Development.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa buscou conhecer e analisar o processo de desenvolvimento local na Praia de Pipa, localizada no município de Tibau do Sul do Estado do Rio Grande do Norte e teve como foco de análise uma pesquisa realizada com as empresas localizadas no espaço geográfico da localidade.

É importante frisar que no município há diversos tipos de produção por meio de cooperativas ou grupos de associações que ao longo do tempo tem contribuído para o seu desenvolvimento, seja ele econômico e social.

A importância crescente adquirida do turismo como prática social, desde a década de 90, incorporada ao entendimento de que o turismo enquanto atividade econômica tem colaborado para o desenvolvimento das localidades, principalmente aquelas com potencialidades. Faz-se entender que o turismo é uma atividade capaz de gerar modificações na localidade, que a prática tanto do ponto de vista social como o econômico, vem contribuindo conseqüentemente para o desenvolvimento da região e também para as suas questões problemáticas (ARAUJO, 2019).

Sabe-se que discutir turismo não é uma tarefa tão simples, desde seu surgimento, novos conceitos foram adotados, sendo a visão dele como instrumento de crescimento de atividade socioeconômica mais valorizada, e esta pode vir a gerar impactos positivos e negativos para a comunidade local (MIELKE, 2009).

Esta pesquisa busca conhecer sobre o planejamento endógeno na Praia de Pipa em Tibau do Sul, onde esta é considerada uma praia turística e pode servir de registro para os estudiosos da área de turismo e para os gestores públicos como fonte de conhecimento relacionado com este tipo de planejamento em uma localidade, bem como servirá também para os estudos antropológicos que buscam investigarem os fenômenos sociais e culturais da comunidade.

É a partir dessa temática que o debate sobre as ações para alcançar o desenvolvimento endógeno no turismo de Pipa se eleva ao patamar do bem-estar social e as relações deste com as questões econômicas, políticas, ambientais e sociais, originadas a partir de seu desenvolvimento.

Assim diante da problemática apresentada, faz-se a seguinte pergunta de pesquisa: O planejamento e a implantação do turismo endógeno em áreas específicas na Praia de Pipa, teria condições geográficas e aceitação considerável por parte da comunidade local?

Destarte, justifica-se esta pesquisa como uma oportunidade para se conhecer um tipo de turismo, o endógeno e se esse pode ser desenvolvido na Praia de Pipa. Arelada a essa ideia

de desenvolvimento, o estudo do planejamento endógeno pode apresentar soluções para os problemas atualmente existentes na localidade.

Acredita-se, assim que o planejamento e a implementação do desenvolvimento endógeno possam contribuir para revitalizar áreas que se tornaram improdutivas, devidos a fatores sociais e ambientais (BARQUERO, 2002). Outra justificativa importante, trata-se do resgate da cultura local e a valorização das suas origens, dentre outras ações positivas para a localidade que podem ser trabalhadas por meio do desenvolvimento do turismo endógeno.

Para se trabalhar com o desenvolvimento econômico como meta de ampliação de produção e de renda local e regional tendo por base uma determinada atividade econômica, Dias (2003) aponta que é preciso criar uma teia de relações sociais humanísticas horizontais que possibilite desenvolver a atividade turística de forma igualitária pautada no planejamento, direcionando esforços para maximizar os ganhos e mitigar os efeitos negativos.

Diante disso, o turismo é aqui entendido por Coriolano (1996, p. 93), citado por Araújo (2002, p. 20), como uma “uma atividade séria de caráter essencialmente social por envolver antes de tudo gente e, em segundo plano, uma atividade econômica por envolver capital, precisando, portanto, ser tratado de forma científica e não casual”.

Desta forma, compreender os espaços geográficos da praia de Pipa, no sentido de reaproveitá-los para esse fim, pode ser uma alternativa para os moradores desenvolverem esse tipo de turismo na localidade.

2.REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 TURISMO: UM OLHAR NO DESENVOLVIMENTO ENDÓGENO

O turismo é um grande vetor de desenvolvimento sustentável econômico, desde a década de noventa, a atividade turística brasileira é vista como um recurso que gera e beneficia a economia no Produto Interno Bruto, e relaciona um aspecto socioeconômico capaz de beneficiar possibilidades de ofícios.

Para Buarque (2008, p. 25-26), o desenvolvimento local conceitua-se como:

[...] um processo endógeno de mudança, que leva o dinamismo econômico e à melhoria da qualidade de vida da população em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos. Para ser consistente e sustentável, o desenvolvimento local deve mobilizar e explorar as potencialidades locais e contribuir para elevar as oportunidades sociais e a viabilidade e competitividade da economia local

Portanto, o desenvolvimento endógeno é uma balança que equilibra a renda local e a sustentabilidade do ambiente. Entretanto, os habitantes da localidade, irão produzir o próprio sustento e comercializar os produtos para as comunidades locais. Sendo assim, o desenvolvimento local está em uma conjuntura com a atividade turística para poder desenvolver um planejamento da reestrutura social com fins de suprimir o atraso econômico existente na comunidade (ULTRAMARI; DUARTE, 2012).

Um planejamento e uma articulação estruturada de desenvolvimento endógeno na comunidade, pode ser considerado como uma grande força econômica, promotora de benefícios, tanto para as empresas como também para os moradores da comunidade no geral, pois esta quando não turística em geral tende a não ser contemplada com os recursos governamentais para o desenvolvimento.

Boisier (1998), conforme citado por Buarque (2008, p. 30), descreve que:

O desenvolvimento local depende da capacidade de os atores e a sociedade locais se estruturarem e se mobilizarem, com base nas suas potencialidades e na sua matriz cultural, para definir e explorar suas prioridades e especificidades. Dessa forma, o desenvolvimento de uma localidade – município, microrregião, bacia, ou mesmo espaço urbano – deve ter um claro componente endógeno, principalmente no que se refere ao papel dos atores sociais, mas também em relação às potencialidades locais.

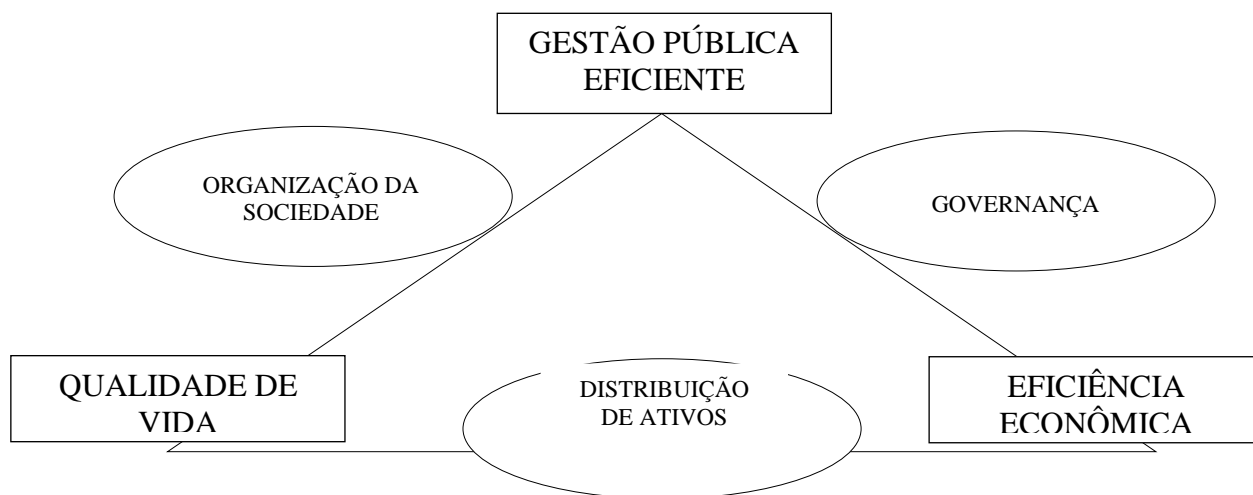
Entretanto, para que ocorra a rotação de emprego e renda na comunidade tendo por base o turismo, é preciso à participação e a organização da comunidade nas políticas públicas, trabalhadas pelos gestores públicos da localidade. O desenvolvimento local tem força para dá resultado de múltiplas ações, para subtrair a inércia do subdesenvolvimento e para reter o atraso em localidades periféricas visando engrandecer a sinergia social e coletiva (BUARQUE, 2008). Mas, para proporcionar o crescimento local é preciso consolidar as relações com as redes privadas e públicas.

Da mesma forma, é o desenvolvimento endógeno que precisa da participação dos agentes privados e públicos, assim como também, da sociedade civil e das organizações do poder político. Se nele não tiver essa inter-relação, o local não será capaz de manter uma organização de planejamento de longo prazo (MIELKE, 2009).

Buarque (2008, p. 27), apresenta os três pilares sociais para a produção do desenvolvimento endógeno, a saber: 01) Interação e sinergia entre a qualidade de vida da população local, da redução da pobreza e da distribuição de ativos; 02) A eficiência econômica, com agregação de valor na cadeia produtiva e 03) Da gestão pública eficiente.

Dessa forma pode-se esquematizar uma reestrutura produtiva com as informações descrito por Buarque, conforme figura 01 apresentada a seguir.

Figura 01.



Fonte: Adaptação de Buarque, 2008.

Buarque (2008, p. 26-27), ainda reverência que não se pode confundir o planejamento local como um investimento de capital externo. O autor (2008) diz que para o desenvolvimento local é necessário mudanças institucionais que venham aumentar a governabilidade das instituições públicas locais, incluindo o município para poder constituir uma autonomia relativa das finanças públicas, principalmente na acumulação de excedentes para o trabalho de investimentos sociais e estratégicos com fins de desenvolver o destino turístico da localidade.

O autor (2008, p.27) ainda coloca que “o desenvolvimento local não pode ser confundido com o movimento econômico gerado por grandes investimentos de capital externo, que não se internalizam e não irradiam na economia local”.

Para entendimento do desenvolvimento endógeno, Mielke (2009, p. 34-35), simplifica em três pontos fundamentais:

[...] a econômica, em que os empresários utilizam a capacidade produtiva e inovadora com o objetivo de melhorar sua competitividade e seus resultados; a sociocultural, em que a preservação dos valores culturais dos atores sociais envolvidos diretamente e das comunidades de entorno constitui a base de sustentabilidade, na qual eles são tidos como componentes da oferta turística regional/local. E a político-administrativa, pois a própria organização comunitária, quando consolidada, tem um papel fundamental na gerência do processo de desenvolvimento local como um todo.

Beni (2006) esclarece que para ocorrer à atividade turística organizada e bem planejada, é preciso o envolvimento da comunidade local do início ao final do processo de desenvolvimento. Já Chiavenato (2010, p. 190) afirma que “as organizações não operam na base da improvisação. E nem funcionam ao acaso. As organizações requerem planejamento para todas as suas operações e atividades”. Assim, pode-se compreender que o desenvolvimento endógeno é o caminho para solucionar alguns problemas socioeconômico e social.

Ainda Beni (2006, p. 53), explica que, o desenvolvimento endógeno:

[...] visa atender às necessidades e demanda da população local por meio da participação ativa da comunidade envolvida. Mais do que obter ganhos em relação à posição do sistema produtivo local na divisão nacional ou internacional do trabalho, o objetivo é buscar o bem-estar econômico, social e cultural da comunidade local, o que leva a diferentes caminhos de desenvolvimento, conforme as características e capacidades de cada economia e sociedades locais.

O planejamento transforma o espaço que está em desenvolvimento em um grande vetor de transformações, desempenhando um papel sociocultural e proporcionando qualidade de vida, para a comunidade receptora (HADDAD,2015). Com esta inter-relação, percebe-se que é resultado, de uma cooperação mútua entre os recursos naturais e humanos.

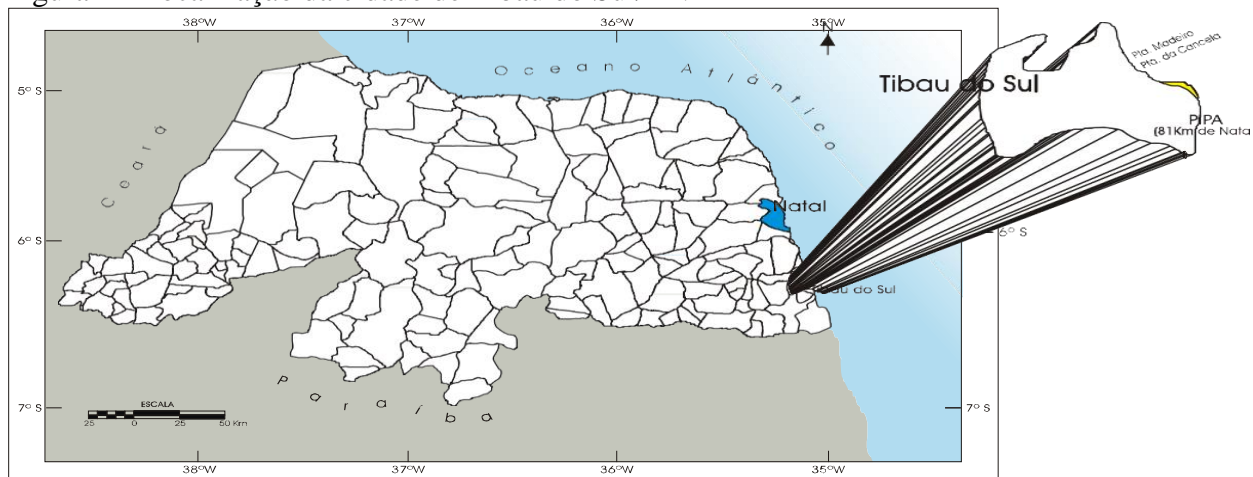
O resultado é o efeito das iniciativas sociais e a persistência da dependência local ao crescimento das efetivas vantagens locacionais sobre os recursos naturais na expectativa de desenvolver sustentavelmente a sua comunidade.

3 A LOCALIDADE EM ESTUDO: A PRAIA DE PIPA - RN

3.1 PERSPECTIVA DO ENTENDIMENTO DO DISTRITO DE PIPA

A praia de pipa localiza-se na fachada litorânea do Município de Tibau do Sul, e está também à 81 km de Natal, sendo está a capital do Estado do Rio Grande do Norte, conforme mostra a figura 2, apresentada a seguir.

Figura 2 - Localização da cidade de Tibau do Sul/RN



Elaboração: Francisco Juscelino Santos da Silva.

Fonte: IDEMA, 1999.

O Município de Tibau do Sul tem uma estimativa populacional em 2019 de 14.180 habitantes residentes no município, e uma área de 98 km² com densidade demográfica de 111,81 hab/km² (IBGE, 2020).

De acordo com o IBGE (2020), o nome Tibau do Sul, foi dado pelos indígenas que significa “entre duas águas” em virtude de que a povoação se situava entre a Lagoa de Guaraíras e o Oceano Atlântico.

Sua vegetação é floresta ombrófila densa que é a mais predominante nesse espaço territorial. Os solos são constituídos por areias quartzosas distróficas, que possui acidez elevada e são constituídos essencialmente de quartzo, bastante arenosos, já a erosão desse solo ocorre quando estes encontram-se desprovidos de vegetação.

A descoberta da praia de Pipa se deu inicialmente aos veranistas do município de Goianinha (ARAÚJO, 2002). Contudo, a praia de Pipa inicialmente só foi habitada por pescadores no início da década de 70, e a partir desta época começou a exploração da natureza pelos surfistas e hippies que buscavam uma natureza selvagem, vigorosa e lúdica.

A praia de Pipa na década de 70 era uma vila pacífica de residentes nativos e pescadores, vivendo com atividades de subsistências como a pescaria e a agricultura. Cruz (2007, p. 05) afirma que existe na localidade “uma relação de dependência com a natureza e com o uso de técnicas rudimentares de exploração dos recursos naturais”.

Contudo, a praia de Pipa perdeu seus traços culturais para o acultramento diante da junção de elementos externos, conforme mostra a autora Araújo (2002, p. 23), quando informa que:

O sotaque “caipira” dos nativos, agora vem sendo substituído e confundido pelos sotaques dos paulistas, dos cariocas, dos mineiros, dos estrangeiros – Há ingleses, franceses, espanhóis, japoneses. [...]. Cada pedaço da areia da praia agora é “disputado” pelos nativos, pelos turistas, pelos veranistas, pelos “*de fora*” que vieram para ficar. Ainda existem as barracas e cadeiras de praia que agora teimam em fazer também parte da paisagem. O mar azul de águas mornas, agora não serve somente para a pesca e para o lazer dos nativos. Agora é disputado por gringos, pelos “*de fora*” e por pranchas de *surfe*, *jet-ski*, pelos passeios de barcos.

A praia virou um paraíso natural classificado como destino turístico internacional. Ganhou tal reverência devido as noites mais “badaladas” do Rio Grande do Norte, onde possui uma infraestrutura constituída de restaurantes, passeios de barco, grande número de hotéis e pousadas, além de belos atrativos naturais como o Santuário Ecológico de Pipa.

Na página *on-line* da Secretaria Estadual de Turismo - SETUR-RN, cita a respeito sobre o destino turístico em Pipa como sendo uns dos cinco destinos turísticos mais desejados do Estado do Rio Grande do Norte pelos estrangeiros (SETUR-RN, 2018). E acrescenta:

Pipa ganhou fama de praia com vida noturna agitada, sem perder os encantos de sua beleza natural. Falésias, águas calmas, o Santuário Ecológico, a riqueza da Mata Atlântica preservada, o charme da Praia do Amor e o graça da Praia do Madeiro são outros atrativos que fazem de Pipa passagem quase que obrigatória do turista que vem ao Rio Grande do Norte. Outra característica original é a variedade gastronômica: andar pela rua principal de Pipa é fazer um passeio pela culinária do mundo – bares e restaurantes oferecem as mais variadas opções.

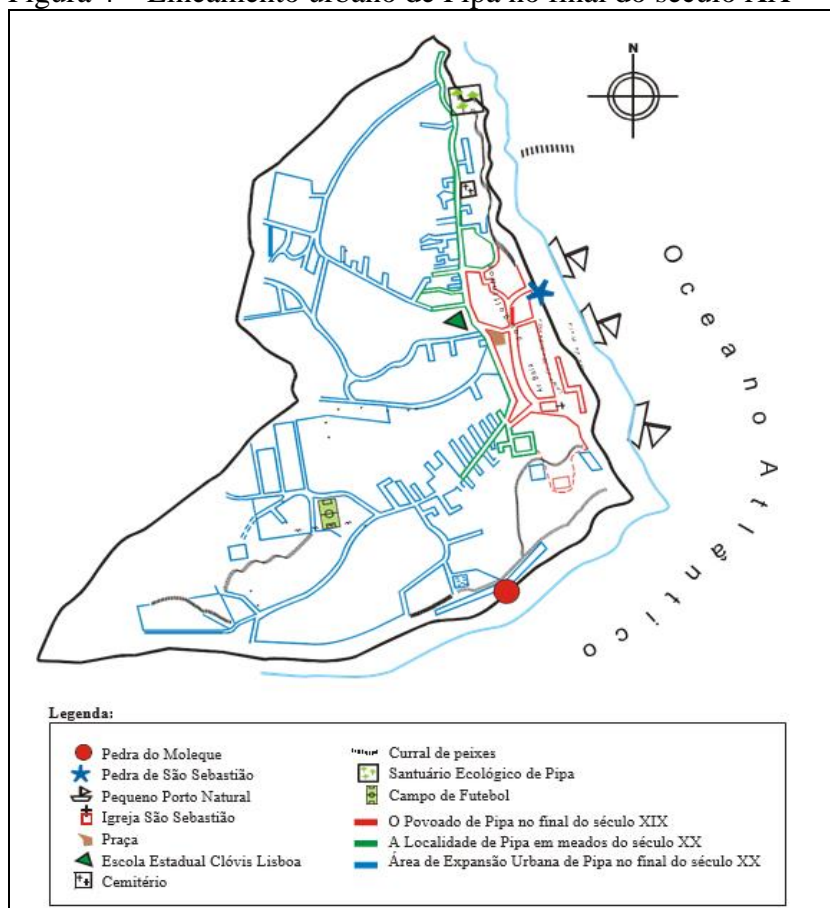
Assim, entende que a Secretária Estadual de Turismo, faz um *marketing* do destino, gerando predominância de um destino para os turistas que buscam litoral, praia e sol. Em Pipa, pode-se aventurar com os passeios de *Buggy*, pau de arara pelo litoral das praias, os passeios de barcos e as práticas de *Surf*.

Vale ressaltar que o turismo na Praia de Pipa se deu no final do século XX, onde a praia começou a ser vista como paraíso natural turístico, e vem gerando uma ruptura no modo de vida dos nativos.

Devido à constante movimentação de turistas internacionais (alemães, italianos, franceses, americanos, japoneses, chineses, dentre outros), assim como, turistas de outros Estados do Brasil que conheceram e gostaram da localidade, sendo que alguns deles voltaram para ficar e assim desencadearam novas implementações de moradias.

Com a crescente demanda de turista em Pipa, as organizações governamentais e privadas elaboraram projetos de infraestrutura e a pavimentação do local para a produção de bens e serviços da atividade turística, isso com intensão de atender a demanda crescente de turistas na praia de Pipa, conforme mostra a figura 4 apresentada a seguir.

Figura 4 – Lineamento urbano de Pipa no final do século XX



Elaboração: Francisco Juscelino Santos da Silva.

Fonte: IDEMA, 1999.

Roberta (2008, p. 60), explica que os:

Investimentos em infraestrutura de acesso na década de 1990, como a pavimentação da estrada que liga Goianinha a Tibau do Sul, favoreceram a difusão da função turística para a área e, por conseguinte, a construção de pousadas, albergues e hotéis, além de toda uma infraestrutura de apoio (restaurantes, lanchonetes, padarias, *lan-houses*, entre outros).

Desse modo, o desenvolvimento local turístico passou a acontecer em duas regiões na localidade, onde um trecho, denominado aqui de A se localiza na rua no começo da av. Baía dos Golfinhos e finaliza na praça do Pescador. Neste espaço predominou a implantação de estabelecimentos de médio e grande porte, na maioria investimentos de empreendedores

estrangeiros ou de empresas já consagradas em outras localidades turísticas. Estes estabelecimentos atendem com uma melhor qualidade de serviço, conforto e segurança os turistas que visitam atendendo com seus produtos e serviços as demandas turísticas da localidade.

O outro trecho localizado no início na praça do Pescador e segue pela av. Baía dos Golfinhos em direção ao acesso a Sibaúma pelas falésias. Nesta região predominou o desenvolvimento de estabelecimentos comerciais de pequeno porte, oriundos dos próprios nativos da praia e de outros moradores que lá se estabeleceram, mas que possuíam investimentos não muito relevantes para o negócio de grande porte. Estes estabelecimentos também atendem com produtos e serviços, no entanto com preços mais acessíveis para os turistas.

Diante do exposto, entende que os investimentos públicos e privados foram essenciais para o crescimento e o desenvolvimento de Tibau do Sul, principalmente na Praia de Pipa que ficou reconhecido com um roteiro turístico nacional e internacional, predominando a mistura de cultura de moradores nativos e estrangeiros, gerando uma miscigenação cultural.

Como visto, o homem transforma o meio ambiente de acordo com suas necessidades e expectativas. Essa ação, o homem afeta não só a cultura de um povo, mais também o meio ambiente e essa necessidade econômica pode ocasionar danos irreversíveis.

4.METODOLOGIA DA PESQUISA

Com relação à metodologia, foi utilizado um procedimento simples, que consiste em utilizar um conjunto de técnicas de pesquisa correlacionando-as com os fatores de reorganização de espaço para a motivação de um possível planejamento e implantação de um modelo de desenvolvimento endógeno para o turismo em Pipa, distrito do município de Tibau do Sul, no Rio Grande do Norte.

Collis e Hussey (2005) afirma que toda pesquisa científica é um processo de perguntas e respostas, é sistemática e metódica, para poder assim aumentar o conhecimento.

Esta pesquisa foi desenvolvida por meio de 03 (três) tipos de pesquisa, a saber: bibliográfica, documental e de campo. Todos esses três tipos de pesquisa possibilitaram um entendimento sobre a forma como o espaço da Praia de Pipa no município de Tibau do Sul/RN se reorganiza dentro de uma lógica de entendimento que é o desenvolvimento endógeno da demanda turística numa concepção econômica e social local/regional.

A pesquisa bibliográfica focou os estudos no campo teórico da organização do espaço turístico e do turismo endógeno como uma nova fonte de desenvolvimento e trabalho de planejamento local. Em relação à pesquisa documental buscou-se entender aspectos da história de desenvolvimento econômico e social da Praia de Pipa e a influência do Município de Tibau do Sul, neste fim. Focou também um estudo sobre o mapa geográfico de Pipa procurando entender a região da praia.

Já a pesquisa de campo focou a aplicação de um questionário com os principais gestores que trabalham para o desenvolvimento do turismo, do desenvolvimento econômico e social da localidade. O trabalho foi desenvolvido especificamente nos dois trechos selecionados após análise e que participaram na amostra 10 gestores de estabelecimentos diversos em ambos os trechos (A e B).

Deste modo, foram coletados dados com diferentes gestores e representantes das organizações diferenciadas para que assim pudesse estabelecer a representatividade de cada tipo de estabelecimento que atuam no turismo na localidade.

O instrumento de coleta de dados foi um questionário adaptado da teoria de turismo endógeno de Beni (2006) contendo questões fechadas que pudesse facilitar o tratamento de dados de forma quantitativa, para poder apresentar um percentual representativo para cada questão e de acordo com os dois trechos definidos e participantes da pesquisa. Para entendimento foi usado o programa *excel* utilizando-se de percentuais de frequência das respostas e da representação de gráfico e tabelas.

5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

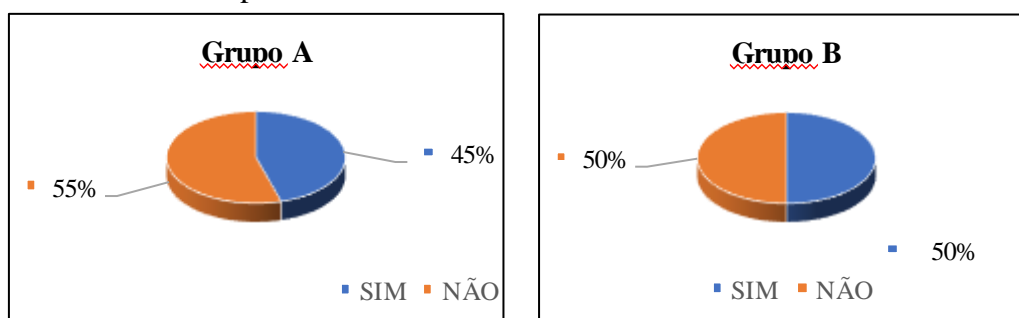
Esta etapa contemplará a apresentação e análise dos dados coletados, bem como a interpretação dos resultados obtidos através das entrevistas aplicadas aos dois grupos pesquisados, representados pelo grupo A (estabelecimentos de médio e grande porte e de origem nacional e internacional) e que estão localizados no trecho que dá início na estrada de acesso a Pipa, seguindo pela Av. Baía dos Golfinhos e finalizando na praça do Pescador e o grupo B representados pelos (estabelecimentos de pequeno porte e de origem regional e local) localizados no trecho que começa na Praça do Pescador, seguindo ainda pela Av. Baía dos Golfinhos em direção ao acesso à Sibaúma pelas falésias.

As questões do formulário de coleta de dados estão relacionadas com a fundamentação teórica do turismo de desenvolvimento endógeno. Tais questões estabeleciam as suas respectivas opiniões por categorias de trechos (A e B) onde os gestores responderam a

respeito da existência ou não na praia de Pipa de áreas improdutivas ou áreas que poderiam melhor ser adaptada para o desenvolvimento e uso do turismo endógeno na localidade.

Analisando a igualdade para os dois grupos em relação as políticas de desenvolvimento turístico serem trabalhadas de forma igualitária entre nativos e moradores da localidade, obtiveram-se o resultado conforme mostra o gráfico 01 apresentado a seguir.

Gráfico 01: A atividade turística desenvolvida em Pipa é considerada de forma igualitária entre os diversos tipos de moradores com os nativos da localidade?



Fonte: Pesquisa dos próprios autores (2019).

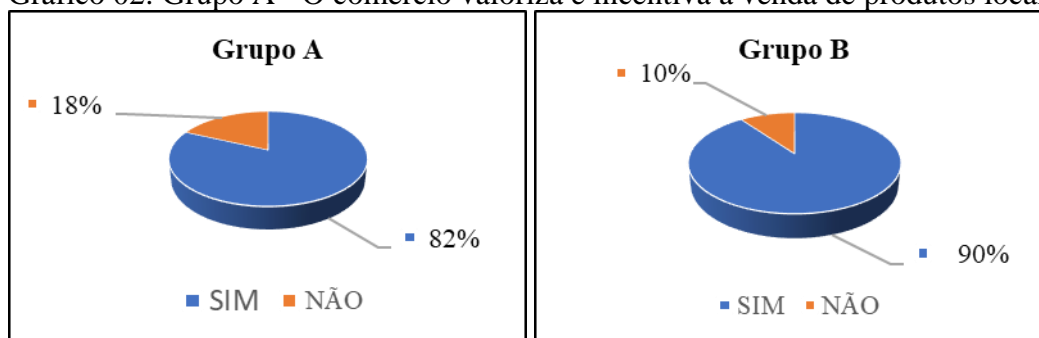
O objetivo desta questão foi detectar e avaliar a opinião dos empreendedores do litoral, se a localidade dá direitos igualitários a todos os habitantes do balneário de Pipa, a praticarem alguma atividade característica do turismo.

Percebe-se, através do Gráfico 01 (grupo A), que a maioria considera que “não” dos 11 entrevistados com representação de 55% (cinquenta e cinco por cento) consideram que a atividade turística desenvolvida em Pipa não é trabalhada de forma igualitária entre nativos e residentes oriundos de outra localidade, enquanto 45% (quarenta e cinco por cento) afirma que “sim”. Para o gráfico 02 (grupo B), foram constatados um percentual equilibrado de 50% (cinquenta por cento) consideram que “sim” e 50% (cinquenta por cento) que consideram que “não” para a prática de atividade turística de forma igualitária entre nativos e residentes oriundos de outra localidade.

Para o desenvolvimento do turismo endógeno é necessário que exista a valorização do turismo também para os nativos, os oportunizando-os na implementação de negócios relacionados. Pela análise pode-se perceber que para ambos os grupos A e B, existe a valorização neste fim, no entanto ainda precisa ser mais bem trabalhada.

A seguir, foram indagados para os dois grupos sobre a valorização e o incentivo de produtos locais na comunidade, conforme mostra o gráfico 02 apresentado a seguir.

Gráfico 02: Grupo A - O comércio valoriza e incentiva a venda de produtos locais?



Fonte: Pesquisa dos próprios autores (2019).

Os dados obtidos no gráfico 02 apresentam as considerações relacionadas a valorização e o interesse de mercadorias e produtos da localidade para a comercialização. Aos entrevistados do grupo A que responderam que valorizam a venda de produtos locais, onde vem contribuindo para o desenvolvimento local e representaram 82% (oitenta e dois por cento) afirmando que “sim” e 18% (dezoito por cento) que “não”. No grupo B esta questão foi bem apresentada com 90% (noventa por cento) que “sim” e 10% (dez por cento) que “não”.

De um modo geral pode-se perceber que o grupo representado pelo trecho B, possui maior aplicabilidade em expor e vender seus produtos locais, principalmente porque a questão do artesanato, lojas de vendas de roupas de praia entre outros tipos de estabelecimentos, são bem característicos na região de praia, o que de certa forma causa uma predominância.

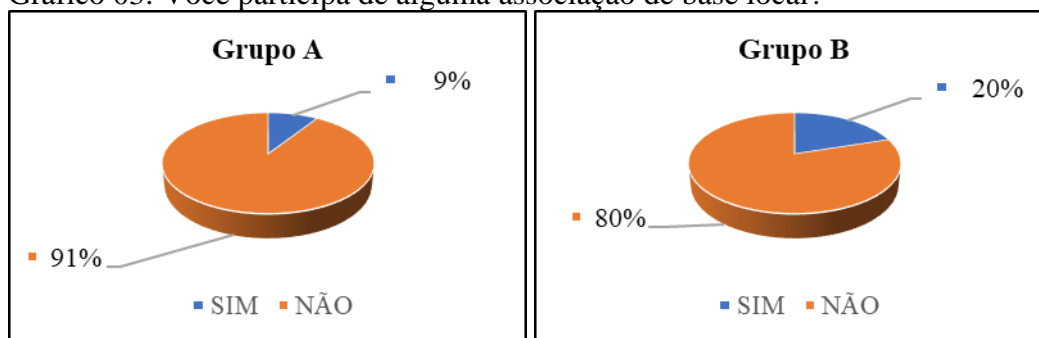
Mielke (2009, p. 09), descreve que:

Para que a atividade turística efetivamente se converta em um elemento propulsor de desenvolvimento local é fundamental um alto grau de integração horizontal, ou seja, entre os atores locais, mas não podemos obviar a integração vertical, aquela entre os atores no destino e os de origem dos fluxos, sempre considerando que todos devem ter benefícios e responsabilidades.

Para que tenha sucesso no desenvolvimento local, é preciso a colaboração dos habitantes nativos e residentes de outras localidades em um trabalho mútuo.

Já em relação a participação dos proprietários e gerentes em organizações representativas, obteve-se o seguinte resultado como mostra o gráfico 03 apresentado a seguir.

Gráfico 03: Você participa de alguma associação de base local?



Fonte: Pesquisa dos próprios autores (2019).

No que diz respeito ao gráfico 03, apresentam os percentuais dos entrevistados que participam de projetos de desenvolvimento por meio da articulação comunitária, ou parceiras com as IES (instituições de ensino superior) e com instituições não governamentais. No grupo A apresentou um percentual de 9% (nove por cento) e o grupo B acentuou um percentual de 20% (vinte por cento) em participação de grupo de atores sociais.

É visto que o grupo B dos entrevistados que tem estabelecimentos de pequenos portes e de origem regional e local mantém relações coletivas com atores sociais com maior predominância que os estabelecimentos do grupo A. No entanto, ambos os grupos precisam intensificar mais ainda esta relação na perspectiva de se conseguir maiores benefícios para os próprios estabelecimentos e para a própria comunidade.

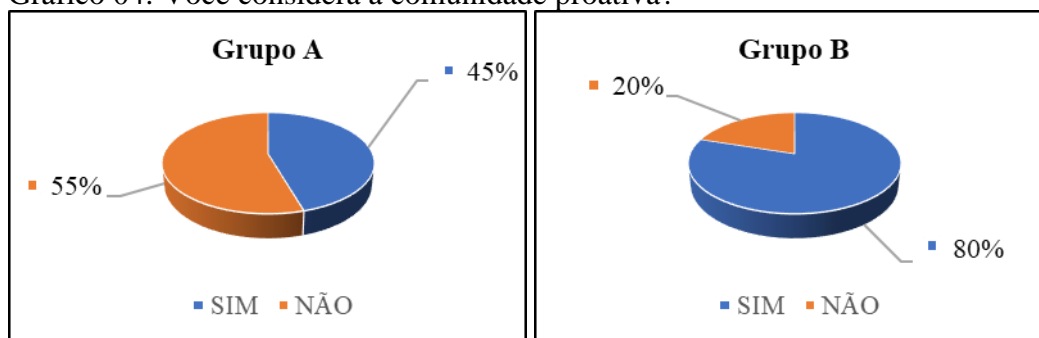
Mielke (2009, p. 88), explica que essa relação:

Trata-se de pequenos acordos entre diferentes atores sociais para que eles sintam e realizem o processo de cooperação e de sinergia aplicado na prática aos seus estabelecimentos. Efetivamente o valor que tais práticas têm é impressionante. O resultado é muito positivo. Mesmo porque o processo de cooperação é algo que se constrói na prática, pelas experiências vividas no desenvolvimento coletivo em prol da atividade turística. Isso cria a união, pois se instiga o desenvolvimento da interdependência comercial entre os atores. É a tal da formação de uma rede colaborativa que, se bem-sucedida, evolui na consolidação dos elos entre as partes envolvidas.

Diante disto, entende-se que para se trabalhar com o turismo endógeno deve-se trabalhar uma importância maior as relações de grupos sociais, sejam elas públicas ou privadas, pois a capacidade de obter maior sucesso no desenvolvimento local é preciso, pois formar uma rede de cooperações.

No que se refere a proatividade da comunidade em estudo, obteve-se os seguintes resultados, conforme mostra o gráfico 04 apresentado a seguir.

Gráfico 04: Você considera a comunidade proativa?



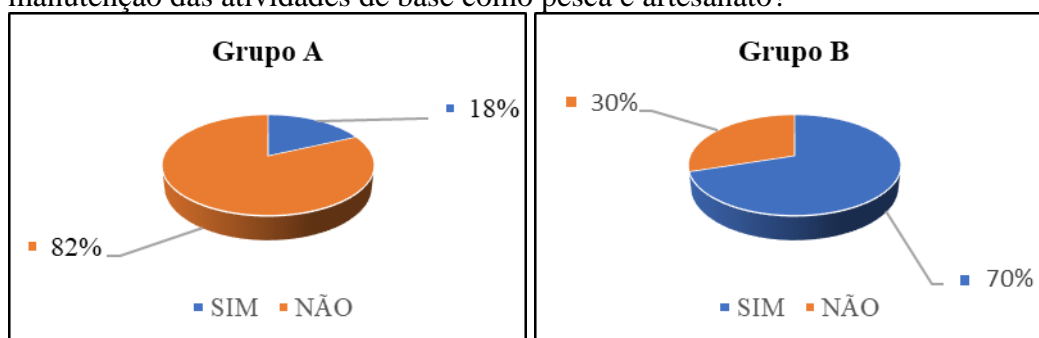
Fonte: Pesquisa dos próprios autores (2019).

O objetivo desta questão foi analisar a visão dos entrevistados sobre a proatividade da comunidade da praia de Pipa. É válido evidenciar que o grupo A apresenta um percentual de 45% (quarenta e cinco por cento) positivo para poder afirmar que a comunidade é proativa. E o grupo B ilustra 80% (oitenta por cento) afirmativo para achar que a comunidade é proativa.

Analisando o *site* do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNDU) pode-se perceber um crescimento no Índice de Desenvolvimento Humano Municipal – IDHM, em comparação com os dados do censo entre 2000 e 2010 no município de Tibau do Sul que teve um crescimento significativo, onde 2000 apresentou um índice de 0,511 e em 2010 apresentou 0,645 demonstrando uma comunidade mais proativa no desenvolvimento de seus trabalhos (PNDU, 2020), o que reafirma os dados encontrados.

Já em relação com a sustentabilidade e a manutenção da pesca e do artesanato, observa-se conforme o gráfico 05, o seguinte:

Gráfico 05: A atividade turística de modo geral se preocupa com a sustentabilidade e a manutenção das atividades de base como pesca e artesanato?



Fonte: Pesquisa dos próprios autores (2019).

O Gráfico 05, apresentam as considerações dos entrevistados em relação ao conceito de responsabilidade e interesse com a sustentabilidade ambiental da localidade. O grupo A dos entrevistados que possuem estabelecimentos de médio e grande porte e de origem nacional e internacional, representando os empreendedores de turismo de massa, cuja análise

mostrou-se com uma avaliação negativa de 82% (oitenta e dois por cento) ao afirmarem que de um modo geral “não” se preocupam com gestão dos recursos não renováveis.

Contudo, o grupo B que apresenta um maior índice de respeito a sustentabilidade local apresentando um índice de 70% (setenta por cento) acham que a atividade turística de um modo geral na comunidade deve se preocupar com a sustentabilidade e com a manutenção de atividades de base como a pesca e o artesanato. Este fato pode ser explicado porque no trecho B, encontram-se empresas que possuem estabelecimentos de origem regional e local e trabalham com a venda de tais produtos. Deste modo, conclui-se que eles têm visão de responsabilidade e valorizam e preservam seus produtos locais.

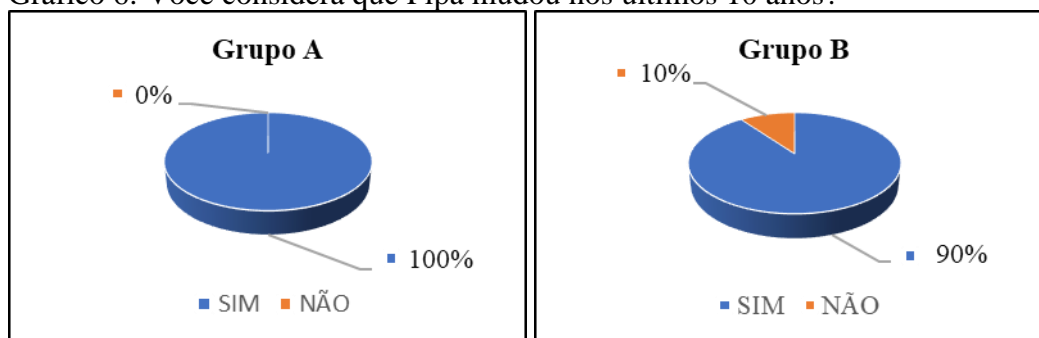
Segundo Mielke (2009, p. 10):

[...] a atividade turística regional/local deve primar pelo respeito ao patrimônio natural e cultural do meio em que ela se desenvolve. Além disso, a participação das populações locais é considerada um elemento-chave para a realização da sustentabilidade, o que significa dizer que as populações locais devem ser promotoras e, ao mesmo tempo, beneficiárias da atividade turística fomentada em âmbito regional/local.

Para que novas gerações futuras possam usufruir das belezas naturais, e para que empreendedores e nativos possam manter relações de serviços e comerciais, é preciso conservar e preservar o ecossistema da localidade.

Em relação a mudança ocorrida nos últimos dez anos, na praia de Pipa, observou-se os seguintes resultados conforme mostra o gráfico 06, apresentado a seguir.

Gráfico 6: Você considera que Pipa mudou nos últimos 10 anos?



Fonte: Pesquisa dos próprios autores (2019).

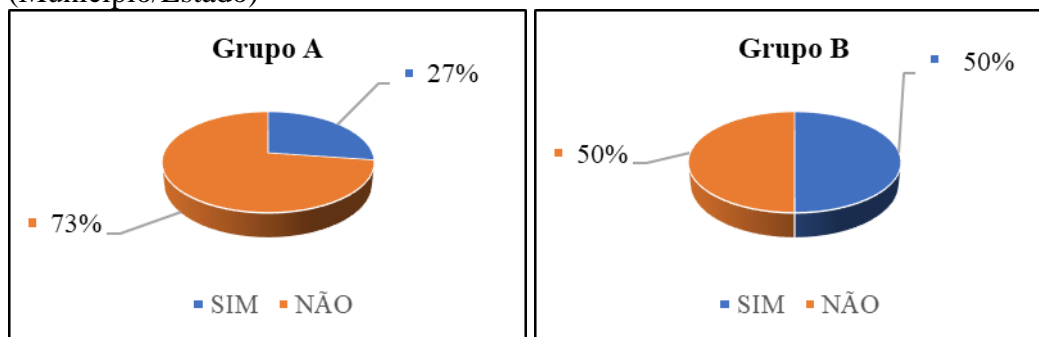
O objetivo desta questão foi analisar a visão dos entrevistados se Pipa nos último 10 anos houve mudanças. Ambos os grupos A e B concordam que houve alterações significativa.

Como citado anteriormente, a praia da Pipa teve processo de migração nacional e internacional, desde os anos de 1990, por ser considerado um local tranquilo e rodeado pela natureza, viajantes passaram a optar por morar nessa localidade (ARAÚJO, 2002).

A praia da Pipa entrou em processo de mudanças e turistificação devido a migração de turistas e aventureiros nacionais e internacionais, a presença desses novos habitantes acarretou mudanças nos traços socioambientais da localidade.

Já em relação a autogestão sendo realizada pela própria comunidade, observou-se o seguinte, conforme mostra o gráfico 07 apresentado a seguir.

Gráfico 7: Acredita que a comunidade poderia se autogerir sem a intervenção do governo? (Município/Estado)



Fonte: Pesquisa dos próprios autores (2019).

Ao questionar se a comunidade consegue autogerir sem a influência do poder público dentro da comunidade, os entrevistados do Grupo A responderam 73% (setenta e três por cento) que “não”, eles afirmaram que a comunidade não poderia ter capacidade para se autogerir sem precisar do governo. E o grupo B apresentou um percentual equilibrado entre 50% (cinquenta por cento) para que sim e outros 50 % (cinquenta por cento) para que não.

Segundo Mielke (2009, p. 121), “o Estado tem um papel claro dentro do processo que é o de criar e manter um ambiente político estável para que os investimentos em turismo ocorram por sim só por meio do diálogo entre empresários locais e não locais”.

O referido autor, Mielke (2009, p. 121), ainda coloca que:

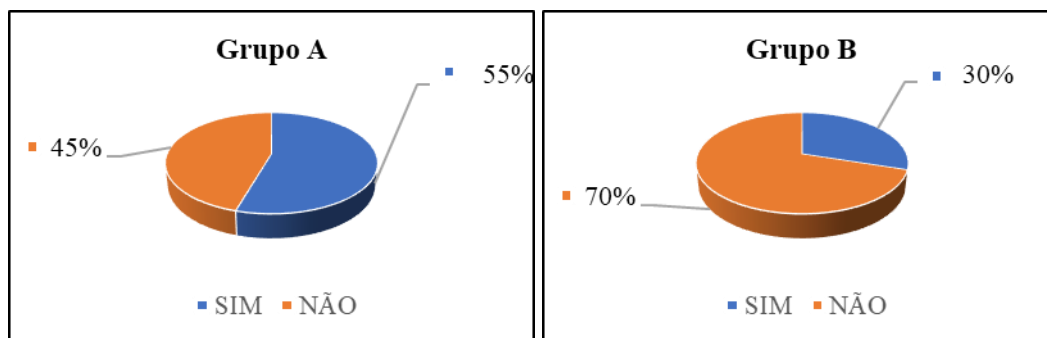
A presença e o apoio do poder público fazem toda a diferença. Na prática, esse apoio está em ações que objetivem a solidificação das instâncias de governança municipal e/ou regional, como a instituição de uma secretária de turismo que atenda às demandas locais e/ou regionais. A pauta turismo deve fazer parte das discussões na Câmara de Vereadores.

O poder público também tem papel fundamental para a manutenção e administração dos serviços prestados, em prol da comunidade, para que assim todos possam se beneficiar e manter em desenvolvimento ativo. No desenvolvimento endógeno do turismo, esta

participação pode também ser intensificada ainda mais com a participação efetiva da comunidade de forma colaborativa.

No gráfico 08, observa-se as respostas para a participação dos atores estrangeiros como ameaça as raízes culturais da localidade.

Gráfico 8: A participação de estrangeiros pode ameaçar as raízes culturais e dar uma nova cara a Pipa?



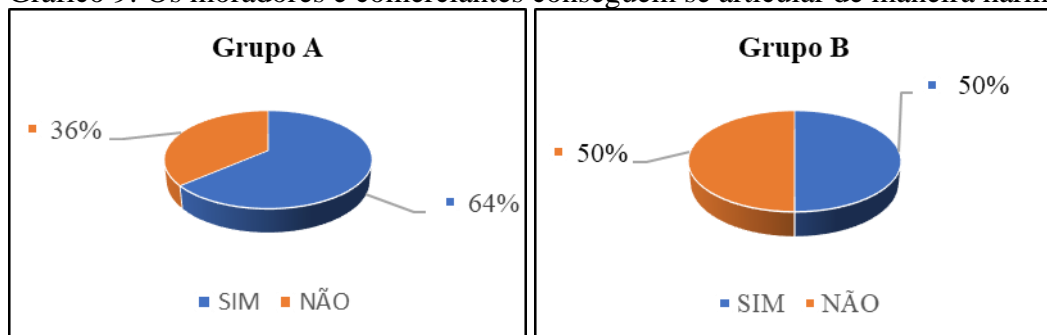
Fonte: Pesquisa dos próprios autores (2019).

Dos resultados obtidos junto aos entrevistados, no que se refere às raízes culturais de Pipa se podem estar sendo ameaçadas pelos residentes estrangeiros, foram apontadas as seguintes opiniões: o grupo A apresentou (55%) e o grupo B identificou apenas (30%), que acham que a participação do estrangeiro na comunidade pode ameaçar as raízes culturais da comunidade e dar uma nova cara a Pipa.

De acordo com as respostas, pode-se perceber que os participantes do grupo B, concordam com a miscigenação de forma mais interativa que o grupo A. Tal fato pode-se ser explicado pela participação de estrangeiros com menor poder aquisitivo vivendo e trabalhando na comunidade.

Já em relação ao gráfico 09, que predomina o nível de harmonização entre moradores e comerciantes, observou-se o seguinte:

Gráfico 9: Os moradores e comerciantes conseguem se articular de maneira harmonizada?



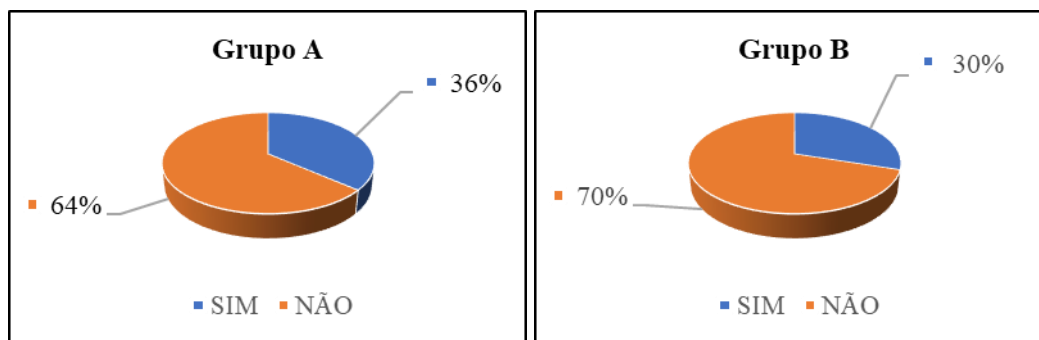
Fonte: Pesquisa dos próprios autores (2019).

A grande maioria dos entrevistados acham que moradores e comerciantes conseguem conviver de forma harmonizada. Somente o grupo A apresentou 36% que “não” concordam e no grupo B afirmaram que 50% dos que não concordam.

Mielke (2009, p. 50) afirma que “Sem dúvida alguma, o processo de envolvimento comunitário é uma das grandes chaves para o sucesso”. Essa afirmação, mostra que é preciso comprometimento entre as partes para que todos sejam beneficiados.

Já em relação a destinação dos recursos adquiridos pelos dirigentes, o gráfico 10 mostra:

Gráfico 10: Existe algum esforço para que parte dos recursos que sejam provenientes do turismo retornem para a comunidade?

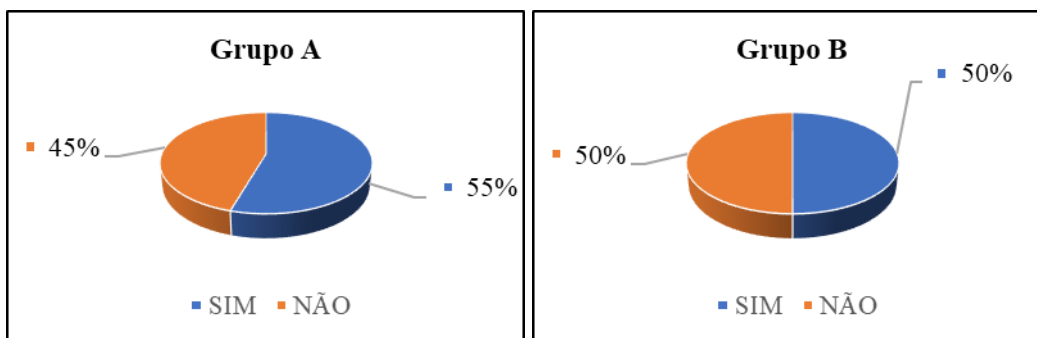


Fonte: Pesquisa dos próprios autores (2019).

A grande maioria dos entrevistados remete que “não” existe esforços para que os recursos provenientes do turismo retornem para a comunidade na forma de benefícios. O grupo A (64%) declaram que “não” e ainda o grupo B (70%) responderam que “não”. Ficou evidente que a comunidade não está sendo beneficiada, de forma significativa em atividades características do turismo. Para o desenvolvimento endógeno é necessário que parte dos recursos sejam aplicados no desenvolvimento da própria comunidade.

Na questão do combate aos problemas sociais, pela própria comunidade, o gráfico 11 mostra os resultados pesquisados.

Gráfico 11: Você reconhece que a comunidade de modo geral promove o combate a problemas sociais como a desigualdade, violência, prostituição e geração de renda?

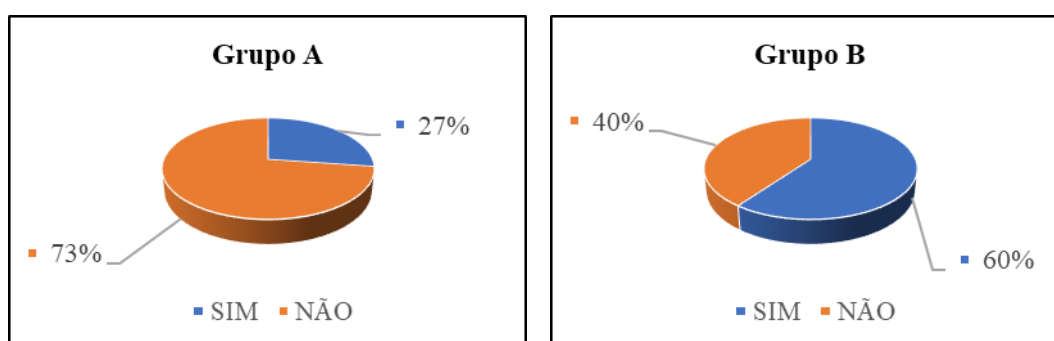


Fonte: Pesquisa dos próprios autores (2019).

Dos resultados obtidos junto aos entrevistados, no que se refere às reações dos residentes em defesa da comunidade de modo geral em promover ações que combatem os problemas socioambientais, hoje tão existentes na sociedade, o grupo A apresentou 55% em afirmar que se manifestam de alguma forma, enquanto 50% do grupo B também responderam que se manifestam de alguma forma para manter a ordem e a paz na localidade. Para o desenvolvimento endógeno é importante que a localidade também apresente ações que combatam os problemas tanto de ordem social como ambiental.

Já em relação a questão que trata o respeito a preservação ambiental, o gráfico12 informa:

Gráfico 12: O crescimento e desenvolvimento de Pipa respeita os limites das áreas ambientais?



Fonte: Pesquisa dos próprios autores (2019).

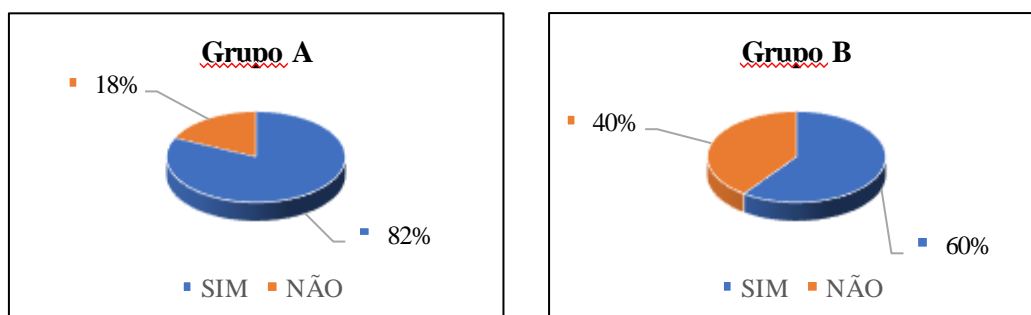
Ao analisar a percepção dos entrevistados acerca do proposto, observou-se que no grupo A, 73% responderam que não existem trabalhos de preservação da sustentabilidade da Praia de Pipa, apenas 27% afirmam que os gestores de desenvolvimentos locais respeitam as áreas ambientais. Enquanto o grupo B, responderam que 60% afirmam que sim, este trabalho é desenvolvido. O resultado demonstra um percentual alto na negativa para os dois grupos, o

que evidencia a falta de limites para as preservações da sustentabilidade local e para as questões socioambientais.

No trabalho do desenvolvimento endógeno do turismo é questão *sine qua non* a preservação do ambiente como forma de manter e preservar os recursos naturais local.

A pergunta que trata da valorização da mão de obra local, esta representada no gráfico 13, apresentado a seguir.

Gráfico 13: A atividade turística em suas diversas áreas, prioriza a mão de obra local?



Fonte: Pesquisa dos próprios autores (2019).

Com o objetivo de identificar a opinião dos entrevistados a respeito das atividades características do turismo em valorizar a mão de obra local, no grupo A o percentual afirmativo é para 82% que citam que o turismo da localidade dar prioridade em empregar a mão de obra local, em comparação a 18% que acham que os moradores não possuem essa prioridade. Na análise do grupo B, esta apresentou 60% dos entrevistados que afirmaram que priorizam a mão de obra local em atividades caracterizados no turismo. E 40% dos entrevistados discordam que exista essa valorização.

Araújo (2002, p. 210), em sua pesquisa de tese, mostra que os nativos da praia de Pipa, dependem do subemprego, devido a seleção de profissionais com competências profissionais, conforme exigência do mercado.

Quando se fala tanto em mão-de-obra qualificada, necessária para a atividade turística, a população nativa muitas vezes fica à margem também do mercado de trabalho por não se enquadrar em alguns critérios exigidos. Na maioria das vezes, cabe ao nativo os subempregos, os empregos temporários e trabalhos que não exigem muita qualificação, ficando a população submetida às novas relações de trabalho e de produção.

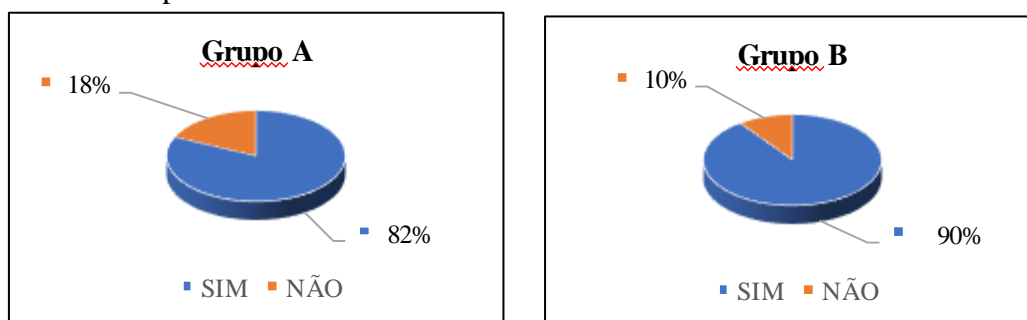
É válido evidenciar que a população nativa de Pipa não recebe retorno das potencialidades turísticas e nem há uma diminuição significativa da desigualdade social

(ARAÚJO, 2002). A autora (2002) ainda coloca que “Constata-se por exemplo que em vários hotéis da Via Costeira em Natal, e mesmo na Praia da Pipa, quem domina parte desses territórios são empresários que tem cadeias de hotéis, oriundos da região sul e sudeste do Brasil e mesmo de outras partes do mundo” (2002, p.109).

Desse modo fica evidente a necessidade de melhor trabalhar a qualificação profissional dos moradores e nativos da localidade para que eles assim possam virem a aproveitar as oportunidades surgidas na praia, tanto como funcionários das empresas institucionalizadas como também como empreendedores locais.

Já em relação a evasão dos nativos para outra localidade e a vinda de pessoas de fora para a localidade, pode-se inferenciar de acordo com o gráfico 14 apresentado a seguir.

Gráfico 14: Você considera que há uma maior evasão de nativos e a permanência de pessoas de fora de Pipa?



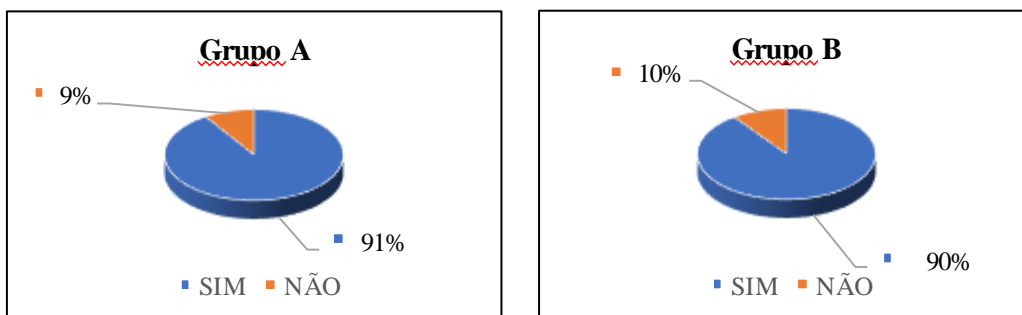
Fonte: Pesquisa dos próprios autores (2019).

Os resultados encontrados identificaram que a maior parte dos entrevistados consideram que há um crescimento de evasão de nativos e uma permanência significativa de novos atores migrantes na comunidade de Pipa. Em um percentual de 82% dos entrevistados do grupo A tem opinião que existem uma evasão dos moradores locais por conta do desenvolvimento turístico na localidade, e apenas 18% acham que não existem. Já o grupo B, apresenta uma maioria dos entrevistados com 90% que concordam que existe uma desterritorialização na praia de Pipa, enquanto 10% apenas discordam.

Para que o desenvolvimento endógeno do turismo possa ser trabalhado em uma localidade se faz necessário não só desenvolver as competências profissionais dos nativos, mas também criar meios para que os mesmos residam e valorizem a sua comunidade.

Para se conhecer esta questão, foi indagado se existia envolvimento dos nativos nas diversas atividades da localidade. O gráfico 15 apresentado a seguir mostra o resultado.

Gráfico 15: O turismo pode ser considerado como uma atividade que envolve direto e indiretamente a maioria dos nativos em Pipa?



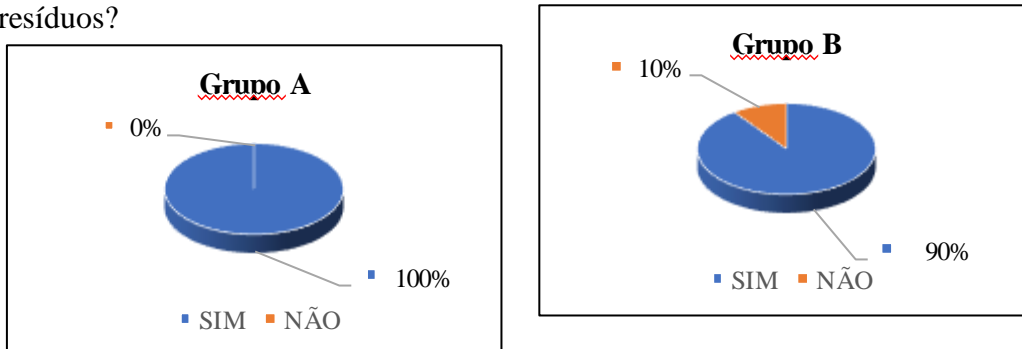
Fonte: Pesquisa dos próprios autores (2019).

Ao analisar a percepção dos entrevistados acerca do proposto, observou-se que o grupo A apresentou uma amostra de 91% afirmando que as atividades características ao turismo envolvem os nativos de Pipa mesmo que direto e indiretamente, e somente 9% dos entrevistados não consideram a existência do envolvimento. Enquanto o grupo B, apresentou uma amostra de 90% confirmando a existência de um envolvimento da população nativa nas atividades turística. Enquanto apenas 10% discordam negativamente da questão.

Para o trabalho de desenvolvimento endógeno no turismo esse dado é bastante relevante pois trata-se da participação dos nativos e moradores nas atividades da comunidade e isto de forma proativa pois esta é uma das condições essenciais para a implantação deste tipo de desenvolvimento turístico.

Em relação ao trabalho feito na comunidade no que se refere a coleta e manejo de resíduos, ficou evidenciado a opinião dos respondentes, conforme o gráfico 16 apresentado a seguir.

Gráfico 16: Você se preocupa com a manutenção do meio ambiente a coleta e despejo de resíduos?

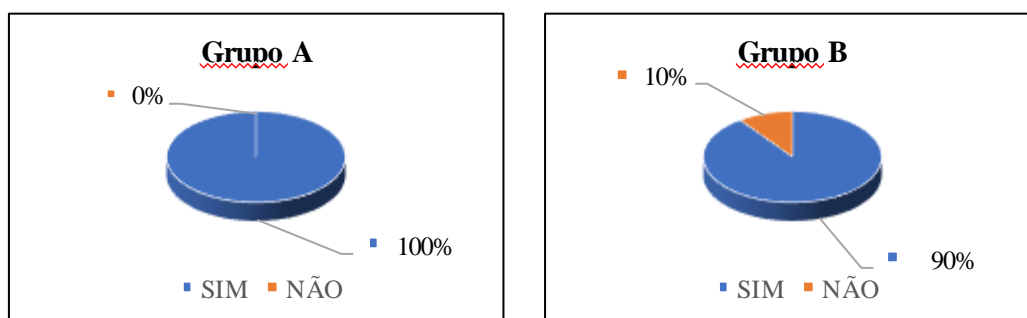


Fonte: Pesquisa dos próprios autores (2019).

No que concerne a análise do gráfico 16, observou-se que a amostra do grupo A apresentou resultado para 100% dos entrevistados que afirmam que a comunidade de um modo geral tem responsabilidade em manter um ecossistema equilibrado. E o grupo B apresentou uma amostra de 90% dos entrevistados que afirmaram também que a comunidade se preocupa com a manutenção do ambiente e da coleta de despejos de resíduos, enquanto 10% não afirma esta preocupação com a manutenção do ecossistema local. Vale informar que esta questão é muito importante para o turismo endógeno, pois este também trabalha de forma mais eficaz a gestão ambiental local.

Em relação a sucessão familiar para o seguimento do negócio, os resultados evidenciaram as respostas, conforme o gráfico 17 apresentado a seguir.

Gráfico 17: Pretende continuar vivendo e repassar seu negócio para filhos e/ou familiares?



Fonte: Pesquisa dos próprios autores (2019).

Ao analisar a percepção dos entrevistados acerca da sucessão familiar, o gráfico 17 apresentou uma amostra de 100% dos entrevistados para o grupo A que informou que tem interesse de passar seus negócios para os filhos, enquanto o grupo B apresentou 90% dos entrevistados, e apenas 10% não tem interesse na sucessão familiar.

No desenvolvimento endógeno do turismo é importante a continuidade do negócio pelos membros da família, visto que assim eles residem mais tempo na comunidade e conseqüentemente possuem um maior sentimento de pertencimento aos interesses coletivos da comunidade, ajudando a mesma a desenvolver nas demais formas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os dados da pesquisa, pode-se concluir que a Praia de Pipa existe dois trechos que atualmente trabalham o desenvolvimento de turismo, trechos esses aqui representados por trecho A e B. Geograficamente estes trechos estão estabelecidos da seguinte

forma: Trecho A do início da estrada de acesso a Pipa, seguindo pela Av. Baía dos Golfinhos finalizando na praça do Pescador. Já o trecho B, começa após a praça do pescador, segue ainda a av. Baía dos Golfinhos em direção ao acesso à Sibaúma pelas falésias.

No trecho A encontra-se estabelecimentos de diversos tipos como restaurantes, hotéis, lojas de grifes entre outros, sendo eles com estrutura de grande porte e de estabelecimentos de outros estados e países. Já no trecho B encontra-se estabelecimentos administrados por pequenos empresários e negócios originados de nativos e moradores vindo de outros locais.

As questões aqui trabalhadas no formulário de pesquisa foram retiradas das características de trabalho para o turismo endógeno do livro de Beni (2006).

Assim, os entrevistados (20) gestores de estabelecimentos comerciais sendo 10 entrevistados para o Grupo A e 10 para o Grupo B. Todos eles foram indagados com 17 questões que tratam de forma técnica e teórica o desenvolvimento de turismo endógeno. Ambos os grupos apresentaram um percentual de 142% para afirmar que existe na localidade potencialidade para desenvolver e melhor organizar este tipo de turismo na praia de Pipa.

De acordo com a observação dos pesquisadores o grupo que representa o trecho B é o que melhor se adequa para ser trabalhado o turismo endógeno, devido as suas especificidades encontradas, onde prevalece neste grupo compreendido no trecho B, um maior número de estabelecimentos cujo proprietários são os seus próprios moradores e nativos.

De acordo com os dados encontrados, pode-se apresentar os dados favoráveis que possibilitam a implantação do turismo endógeno na praia de Pipa, especificamente no trecho B. Estes estão representados pelos gráficos 02 (valorização e incentivo do comércio com os produtos locais), 06 (ocorrência de mudança em Pipa nos últimos 10 anos), 13 (prioridade de uso de mão de obra local), 15 (envolvimento dos nativos da comunidade pelo turismo), 16 (manutenção e coleta dos despejos de resíduos) e 17 (sucessão familiar).

Já as respostas negativas para os dois grupos de gestores dos trechos A e B, estão representados pelos gráficos 03 (participação em associação de base local), 07 (crê que a comunidade se autodirige sem a intervenção do governo), 10 (esforços para que os recursos retornem a comunidade) e 14 (maior evasão de nativos e permanência de pessoas de fora). Tais respostas evidenciam nos dois grupos as dificuldades existentes e que podem atrapalhar o desenvolvimento do turismo endógeno no trecho B, conforme definido na pesquisa para este trabalho, caso tenham interesses.

E em relação aos itens de gráficos que se encontram com dados divididos quase que igualmente na opinião para os dois grupos dos trechos A e B, e que é merecedor de atenção no sentido de que ainda tem uma necessidade de trabalho, quando da decisão de se

trabalhar o desenvolvimento do turismo endógeno no trecho B, são os seguintes gráficos: 01 (atividade desenvolvida no turismo de forma igualitária entre os diversos tipos de moradores), 04 (proatividade da comunidade), 05 (preocupação com a sustentabilidade e a manutenção das atividades básicas), 08 (ameaça pelos estrangeiros as raízes culturais locais), 09 (harmonização entre comerciantes e moradores), 11 (promove o combate aos problemas sociais) e 12 (crescimento com respeito aos limites ambientais).

Vale ainda informar dos resultados em que o trecho B tem registros positivos e que é necessário apenas trabalhar a ideia de desenvolvimento deste trecho (B) com os gestores do trecho A e que eles podem abraçar a ideia de planejamento no sentido de apoio, visto que a comunidade de Pipa terá ainda um ganho maior na questão do turismo social e econômico. Estes dados estão representados nos gráficos 04 (proatividade da comunidade), 05 (preocupação com a sustentabilidade e a manutenção das atividades básicas) e 12 (crescimento com respeito aos limites ambientais).

Para este fim então deve trabalhar de acordo com os dados da pesquisa os seguintes itens: Atividade turística de forma igualitária (50%); A valorização dos produtos locais (10%), uma maior participação na associação de base local (20%); a comunidade precisa também se autogerir (50%); cuidados com a ameaça de estrangeiros em relação as raízes culturais (30%); um maior esforço na articulação dos comerciantes de forma mais organizada (50%); um maior esforço para haver retorno de recurso na comunidade (30%); um maior combate aos problemas sociais como desigualdade social, prostituição, drogas e outros (50%).

De um modo geral, recomenda-se os trabalhos de gestão pela secretaria de turismo do estado de modo a desenvolver este tipo de turismo neste espaço urbano com fins de desenvolver o trecho (B) na Praia de Pipa priorizando também o turismo de base local.

REFERÊNCIAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 14724**: Informação e documentação. Trabalhos Acadêmicos - Apresentação. Rio de Janeiro - RJ: ABNT, 2002.

AMARAL FILHO, Jair do. Desenvolvimento Regional Endógeno: (re) construção de um conceito, reformulação das estratégias. Fortaleza – CE: **Revista Econômica do Nordeste**, V.26, Nº 03, Jul-Set, 1995.

ARAÚJO, Maria Cristina Cavalcante. **Uma Viagem Insólita**: de um território pesqueiro a um paraíso turístico – PIPA-RN. Natal – RN: Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo – UFRN), 2002.

ARAÚJO, Wilson Alves de. **Turismo, Desenvolvimento Local e Ambiente: aglomeração produtiva & indicadores de sustentabilidade.** Curitiba – PR: Appris Editora, 2019.

BARQUERO, Antônio Vásquez. **Desenvolvimento Endógeno em Tempos de Globalização.** Porto Alegre – RS: Editora UFRGS, 2002.

BENI, Mário Carlos. **Política e Planejamento de Turismo no Brasil.** 1ª Ed. Série Turismo. São Paulo - SP: Editora Aleph, 2006.

_____. **Análise Estrutural do Turismo.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 1998.

BOISIER, S. Política Econômica, Organização Social e Desenvolvimento Regional. In: HADDAD, P. R.; CARVALHO FERREIRA, C. M. de Boisier e ANDRADE, T. A. **Economia Regional (Teoria e Métodos de Análise).** Fortaleza – CE: Banco do Nordeste do Brasil S.A, 1988.

BUARQUE, S. C. **Construindo o Desenvolvimento Local Sustentável: metodologia de planejamento.** 4ª Ed. Rio de Janeiro – RJ: Editora Garamond, 2008.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de Pessoas.** 3ª Ed. São Paulo – SP: Editora *Campus*, 2010.

COLLIS, Jill e HUSSEY, Roger. **Pesquisa em Administração: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação.** 2ª Ed. Porto Alegre - RS: Editora *Bookman*, 2005.

CORIOLOANO, Luzia Neide M. T. O Desenvolvimento Voltado às Condições Humanas e o Turismo Comunitário. In: CORIOLOANO, Luzia Neide, M. T.; LIMA, L. C. **Turismo Comunitário e Responsabilidade Socioambiental.** Fortaleza – CE: Editora EDUECE, 2003. P. 26-44.

COSTA, Jean Henrique; SOUSA, Michele de (Orgs.). **Política de Turismo e Desenvolvimento: reflexões gerais e experiências locais.** Mossoró-RN: Fundação *Vingt-Un Rosado*, 2010.

DIAS, REINALDO. **Planejamento do Turismo: política e desenvolvimento do turismo no Brasil.** São Paulo - SP: Editora Atlas. 2003.

HADDAD, Paulo Roberto. **Meio Ambiente, Planejamento e Desenvolvimento Sustentável.** São Paulo – SP: Editora Saraiva, 2015.

IBGE. **Cidadesat.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

IDEMA, Instituto de Desenvolvimento Econômico e Meio Ambiente. **Mapa de Francisco Juscelino Santos da Silva.** Natal – RN: Governo do Estado do Rio Grande do Norte, 1999.

MIELKE, E. J. **Desenvolvimento Turístico de Base Comunitária.** Campinas – SP: Editora Átomo, 2009.

OLIVEIRA, Antônio Pereira. **Turismo e Desenvolvimento:** planejamento e organização. 5ª Ed. São Paulo - SP: Atlas, 2005.

PETROCCHI, Mario. **Turismo:** planejamento e gestão. 2ª Ed. São Paulo - SP: Editora *Pearson Prentice Hall*, 2009.

PNDU, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **Relatório de Desenvolvimento Humano de 2020.** Brasília – DF: Relatório Anual de 2020.

ULTRAMARA, Clóvis; DUARTE, Fábio. **Desenvolvimento Local e Regional:** Curitiba – PR: Editora InterSaberes, 2012.

XAVIER, Roberta Fabrício. **As Influências do Desenvolvimento do Turismo nas Relações de Posse e Propriedade de Terra na Região Turística de Pipa, Município de Tibau do Sul, Estado do Rio Grande do Norte, Brasil.** Recife – PE: Dissertação (Mestrado em Ciências Geográficas – UFPE), 2008.